



Um ensaio crítico sobre um arguto crítico da formação social brasileira

Agnus Lauriano¹

Resumo

Resenha da segunda edição do livro “Clóvis Moura e o Brasil: Um Ensaio Crítico” de Márcio Farias, publicado em julho de 2024 pela Dandara Editora.

Palavras-chave: Clóvis Moura, escravidão, ensaio crítico, negros, racismo.

Un ensayo crítico acerca de un afilado crítico de la formación social brasileña

Resumen

Reseña de la segunda edición del libro “*Clóvis Moura y Brasil: Un Ensayo Crítico*” de Márcio Farias, publicado en julio de 2024 por Dandara Editora.

Palabras-clave: Clóvis Moura, esclavitud, ensayo crítico, negros, racismo.

A critical essay on a critical sharp of brazilian social formation

Abstract

Review of the second edition of the book “*Clóvis Moura and Brazil: A Critical Essay*” by Márcio Farias, published in July 2024 by Dandara Editora.

Key words: Clóvis Moura, blacks, critical essay, racism, slavery.

Os últimos dez anos têm marcado a retomada/redescoberta da obra do sociólogo, historiador, jornalista, poeta e militante comunista Clóvis Moura (1925-2003) desde o relançamento da 5ª edição de seu clássico *Rebeliões da Senzala* e da 2ª edição de *Dialética Radical do Brasil Negro* pela Editora Anita Garibaldi. Parece-nos que o crescimento da presença de estudantes negras e negros na universidade pública, graças às políticas de ações afirmativas, o crescimento da conscientização em torno do combate ao racismo, ao machismo e à LGBTfobia, além do efervescente debate sobre estas questões no interior da tradição marxista

¹ Sociólogo, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UNICAMP, membro do Grupo de Pesquisa Mundo do Trabalho e Suas Metamorfoses (GPMT), membro do Laboratório de Estudos sobre Saúde e Trabalho (ESTER) e assistente editorial da revista Cadernos Cemarx. E-mail: agnus.lauriano@gmail.com

no Brasil e no mundo, são os fatores principais que levaram a retomada deste importante autor.

O livro *Clóvis Moura e o Brasil: Um Ensaio Crítico*, de autoria do professor do Departamento de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Márcio Farias, é uma síntese sobre a trajetória, a fortuna crítica e os debates em torno do pensamento mouriano para compreender a formação social brasileira sob a perspectiva da participação política da população negra desde o período da escravidão até o capitalismo dependente. A primeira edição, de 2019, foi a publicação de estreia da Dandara Editora no mercado editorial brasileiro e destaca-se como uma editora do pensamento crítico da classe trabalhadora negra e da *Coleção Clóvis Moura* coordenada por Farias, ocupando o espaço como um livro que nasceu como um clássico e uma referência primordial para a introdução do pensamento do marxista piauiense, ao mesmo tempo, o autor defende que Moura é um autor incontornável como um intérprete do Brasil na mesma estatura de Caio Prado Jr., Nelson Werneck Sodré, Florestan Fernandes, Guerreiro Ramos, Celso Furtado, Lélia Gonzalez, Heleieth Saffioti, Emília Viotti da Costa, Milton Santos, Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra, Maria da Conceição Tavares, Maria Sylvania Carvalho Franco, Elizabeth Souza-Lobo, Virgínia Fontes, dentre outras e outros. A segunda edição de *Clóvis Moura e o Brasil* lançada em julho deste ano, vem no contexto de outros intelectuais/pesquisadores desenvolveram e desenvolvem estudos sobre ou tendo a obra mouriana como referencial teórico fundamental em diversas áreas das ciências humanas como Serviço Social, História, Sociologia, Psicologia Social, Antropologia, Economia, Direito, mencionados em parte na introdução da segunda edição.

O livro vem acompanhado da apresentação de Gerson de Souza Oliveira, geógrafo e militante do MST, da apresentação do historiador Rafael Domingos Oliveira para a primeira edição e uma introdução à segunda edição e está dividido em três partes, sendo a primeira partindo de uma citação de Jacob Gorender sobre a complexidade entre o particular e o universal numa formação social e a crítica contundente em *Discurso sobre o colonialismo*, do poeta francês Aimé Césaire, o autor do ensaio reconstrói sinteticamente a objetivação da modernidade capitalista na particularidade brasileira articulada com a universalidade da formação do modo de produção capitalista com a colonização, a escravidão e o racismo em uma das expressões da racionalidade e da ideologia da nova classe social em ascensão, a burguesia, na formação dos Estados-nações sob as velhas velas críticas da teoria social marxista. E frisa que Clóvis Moura era um intelectual marxista e sendo coerente no rigor para captar “o movimento da realidade” utilizou de forma permanente “dados, metodologias,

procedimentos, novas bibliografias sobre os temas que pesquisava” em uma apropriação pelo materialismo histórico (o materialismo só é histórico de fato quando é dialético). Assim a obra mouriana, segundo Farias, frente a particularidade brasileira, destaca-se em dois aspectos:

“(...) um primeiro em termos metodológicos, diz sobre a dialética entre particular e universal. A segunda em termos de agenda intelectual, diz sobre a questão nacional, o sujeito revolucionário e a revolução brasileira no interior da tradição marxista.”²

A condição de colônia do Brasil com base no trabalho de escravizados estruturou “a consolidação do capitalismo em seu estágio de expansão nos grandes centros”, enquanto a luta de classes dos escravizados contra os senhores era a negação e a tentativa de superação dialética das relações sociais de produção do escravismo, a partir de experiências políticas como os quilombos e das resistências da população indígena. A crise do antigo sistema colonial, as revoluções industrial e francesa agitaram os questionamentos sobre a vigência de Portugal como metrópole e a revolução haitiana também reverberou entre os escravizados em suas revoltas, fugas, insurreições e quilombos, sendo a partir dessas condições histórico-conjunturais que a independência é encaminhada e posteriormente ocorrem as disputas intelectuais e políticas sobre o final da escravidão e a inclusão dos negros e indígenas na cidadania do recém-independente país com a finalidade não repetir uma revolução de Saint Domingue. Ao mesmo tempo que começa a surgir ideias que buscam compreender a formação do Brasil enquanto uma nação em formação, a composição do seu povo e orientações para projetos políticos e societários, o chamado campo do pensamento social brasileiro.

Projetos de país começam a ser esboçados, como a de um Brasil mestiço, segundo Farias, ao identificar José Bonifácio como o seu precursor. Com a independência do Brasil, Bonifácio defendia a formação de uma nação coesa e isso partiria com o fim do tráfico de escravizados, a desconcentração fundiária e o fim da escravidão, e o estado nacional garantir a educação irrestrita aos negros escravizados sob os pressupostos civilizatórios ocidentais. Anos depois, uma posição que segue na mesma linha aparecerá em Joaquim Nabuco durante a campanha abolicionista, sendo a escravidão moralmente condenável e claramente um entrave à modernização do país. Outro projeto que se inscreve para pensar e influenciar nos rumos da nação é o eugenista/racialista onde pressupõe o elemento branco europeu como superior sob a inspiração do racismo científico presente entre parte da intelectualidade brasileira nas últimas

² FARIAS, Márcio. *Clóvis Moura e o Brasil: Um Ensaio Crítico*. São Paulo: Dandara Editora, 2024. 2ª edição. p. 38.

décadas do século XIX e início do século XX cujas os principais expoentes eram Nina Rodrigues, Silvio Romero e outros.

Farias também lembra das correntes de estudos raciais originadas na década de 1930 a partir de Arthur Ramos com sua visão culturalista, Gilberto Freyre retomando a linhagem de Bonifácio e Nabuco, porém sob um viés culturalista e conservador do equilíbrio de antagonismo, Donald Pierson e Thales da Azevedo sobre o racismo não ser um determinante na ascensão social dos negros, Oracy Nogueira e Virgínia Leone Bicudo mostrando que o preconceito de cor afeta pretos e mulatos de diferentes camadas sociais e o projeto UNESCO com Roger Bastide e Florestan Fernandes com suas pesquisas que criticaram de forma contundente o chamado mito da democracia racial. Fora do espaço acadêmico foi desenvolvido o Teatro Experimental do Negro (TEN) criado por Abdias do Nascimento com o apoio de Guerreiro Ramos que era inspirado no movimento de negritude de intelectuais das colônias francesas em África. Além de outras perspectivas de estudos sobre as relações raciais como as obras de Darcy Ribeiro e Roberto DaMatta que são uma “continuidade” da obra de Gilberto Freyre, as perspectivas de utilização de dados estatísticos sobre a persistência das desigualdades sócio-raciais nos trabalhos de Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle Silva, a produção de Lélia Gonzalez articulando Poulantzas, Nun e a psicanálise sobre a condição da classe trabalhadora negra, e da mulher negra, em especial; e os novos estudos da escravidão surgidos nos anos 1980 inspirados na chamada *história vista de baixo* do historiador britânico Edward Palmer Thompson. É nessa confluência destas diversas correntes de estudos sobre as relações raciais no Brasil que a obra de Clóvis Moura também está localizada, segundo o autor do ensaio crítico.

Os escritos do marxista de amaranço dialogaram com essa fortuna crítica desde sua obra clássica e de estreia *Rebeliões da Senzala: Quilombos, Insurreições, Guerrilhas até Dialética Radical do Brasil Negro* que é considerada por Farias o seu “livro de maturidade”. E Moura percorreu em sua longa e fecunda obra “a tentativa de analisar qual a importância social e política da população negra, enquanto sujeito da história política” e “desvelar a relação entre racismo e capitalismo, a partir da realidade brasileira”³. O autor atribuiu uma imagem que sintetiza a obra mouriana em sua totalidade:

“Por isso, a imagem mais fecunda para simbolizar a obra mouriana é a de uma árvore ornamental, de grande porte e muita floração. Emergente em solo fértil, ela tem como raízes os estudos sobre as relações raciais, a história e a historiografia da escravidão, o chamado

³ *Idem.* p. 72.

‘pensamento social brasileiro’ e o marxismo, em seu desenvolvimento teórico e histórico.’⁴

Na segunda parte do livro, o autor entra na trajetória de vida e de engajamento intelectual e político de Clóvis Moura desde Natal, passando por Salvador e Juazeiro, onde começou a sua militância no antigo Partido Comunista do Brasil (PCB), sua atuação no jornalismo trabalhando no jornal *O Momento* ligado ao Partido e contextualiza a conjuntura do final do pós-Segunda Guerra Mundial e o prestígio que tanto a antiga União Soviética, os partidos comunistas ao redor do mundo e o próprio PCB desfrutaram nos meios intelectuais e também em segmentos do proletariado, no seu curto período de legalidade. Aborda a caracterização do PCB sobre a formação social brasileira a partir das definições do VI Congresso da Internacional Comunista e os seus desdobramentos na prática política (aliança do proletariado com a burguesia contra o latifúndio e o imperialismo) e as controvérsias do projeto estratégico do Partido: o democrático-nacional ao mencionar a crítica (Carlos Zacarias de Sena Jr.) e seus defensores (João Quartim de Moraes e Jones Manoel) e localiza Clóvis Moura como um intelectual nordestino forjado nas problemáticas do Nordeste ser uma questão nacional para a esquerda e relaciona com as expressões estéticas construídas por intelectuais militantes do Partido na época como Graciliano Ramos e Jorge Amado.

A terceira parte de *Clóvis Moura e o Brasil* inicia sobre a importância de *Rebeliões da Senzala* para a interpretação do Brasil como um livro de “interpretação marxista no país, pelo viés da resistência escrava” e “seu papel na transformação ou destruição da sociedade escravista”. Esta interpretação é nitidamente oposta à de Gilberto Freyre e outros que “entendiam a escravidão como um sistema basicamente convergente, composto por escravos, em geral ajustados a sua condição servil e senhores despóticos, ainda que protetores”⁵. Farias indica a influência de Caio Prado Jr. e suas teses sobre a conformação da economia colonial brasileira, o sentido da colonização, em *Rebeliões da Senzala* e qualifica que Moura avança em relação ao historiador marxista paulista quando demonstra “as formas políticas precedentes à emergência da sociedade competitiva de trabalho assalariado”⁶ e recupera as referências em Arthur Ramos, Edison Carneiro e Aderbal Jurema sobre as insurreições negras, porém apontando a superação com marcadores temporais da colônia ao império e as formas políticas utilizadas pelos escravizados rebelados, especialmente o quilombo, e inclusive realiza uma aproximação entre o marco temporal estabelecido em *Rebeliões da Senzala* e a

⁴ *Idem.* p. 72 e 73.

⁵ *Idem.* p. 93.

⁶ *Idem.* p. 98.

longa duração do historiador francês Ferdinand Braudel. Moura nega uma determinação culturalista para compreender as diversas formas políticas de rebeliões dos escravizados, mesmo estando elementos culturais presentes entre estes sujeitos, o principal determinação é a relação de exploração realizada pelos senhores rurais e assim é possível estabelecer que a luta de classes na formação social brasileira tem como marco principal as rebeliões dos escravizados e o quilombo é a sua principal forma política de resistência.

Márcio Farias estabelece um diálogo crítico já desenhado na primeira parte com os clássicos do pensamento social brasileiro sobre a qualidade de *Rebeliões da Senzala* credenciar Clóvis Moura entre os grandes intérpretes do Brasil e coloca-o dentro do debate sobre o primado da agência e o primado da estrutura nos estudos sobre a escravidão e o pós-abolição fomentados pela nova historiografia da escravidão dos anos 1980. Para Moura, segundo o autor do ensaio, não faz sentido essa dicotomia, pois o que ele busca construir é uma articulação em movimento entre agência e estrutura enquanto uma “síntese de múltiplas determinações” e “unidade no diverso”⁷ para a apreensão do real sobre a participação da população negra na formação social brasileira através de suas lutas contra a escravidão. E demonstra que esta articulação entre agência e estrutura antecipa as problemáticas colocadas pela nova historiografia da escravidão baseada nos pressupostos de E. P. Thompson, a exemplo da sua definição de experiência.

Em seguida, o ensaio crítico aborda a concepção marxista de Moura acerca à crítica ao pensamento conservador, especificamente em Euclides da Cunha no seu *Introdução ao Pensamento de Euclides da Cunha* onde desconstrói o senso comum ou imagem de um pensador progressista, mas vinculado ao pensamento conservador com base no racismo científico, no determinismo geográfico e no darwinismo social. O autor do ensaio também contextualiza o momento histórico-conjuntural que Clóvis Moura produziu este livro, *Rebeliões da Senzala* e os seguintes, com foco na luta de classes dos trabalhadores urbanos e rurais e a emergência do golpe burgo-militar de 1964 enquanto uma contrarrevolução preventiva. Outra crítica com base no marxismo realizada pelo intelectual piauiense é sobre o preconceito de cor (racismo) nas reproduzido enquanto ideologia dominante e penetrando no pensamento da classe trabalhadora com o livro *O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel*, em que Moura analisa as representações estereotipadas dos personagens negros em 25 publicações desta modalidade popular literária e problematiza sobre a complexidade do racismo no interior das classes populares e ressalta a ambígua apresentação escrita por Jorge

⁷ MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. 2ª edição. p. 256.

Amado baseado em valores do mito da democracia racial. A sociologia acadêmica também se torna alvo da crítica de Clóvis Moura em *A Sociologia Posta em Questão*. Márcio Farias contextualiza o desenvolvimento desta ciência no Brasil e sua institucionalização e simultaneamente faz um breve balanço da trajetória do marxismo como uma importante corrente sociológica e sua consequente renovação nos meios acadêmicos a partir dos anos 1960, e expõe a crítica de Moura à sociologia acadêmica que se transformou numa “ideologia que faz parte dos mecanismos reguladores e controladores da sociedade burguesa” e qualifica o marxismo institucionalizado pela sociologia acadêmica de “marxismo desdentado”⁸.

O autor do ensaio crítico ressalta que Moura foi um intelectual comunista que não se exilou e perdeu camaradas de sua organização política na luta contra a ditadura militar, ao mesmo tempo que sua obra adquire uma inflexão como em *O Negro: De Bom Escravo a Mau Cidadão?*, onde o autor destaca a análise do marxista de Amarante sobre a Revolução Haitiana e sua formulação inicial da população negra ser um “grupo diferenciado” na sociedade brasileira e suas diversas organizações serem “grupos específicos” nos enfrentamentos ao processo de marginalização imposto pela dinâmica do capitalismo dependente brasileiro, também analisado no livro abordado. Os textos *Sacco e Vanzetti – o protesto brasileiro* e o prefácio do *Diário da Guerrilha do Araguaia* são textos que aparentemente fugiriam do tema central da obra mouriana, no entanto, segundo o autor, é uma tentativa de ligar a luta da população negra com a luta geral da classe trabalhadora pelas memórias da solidariedade de classe e contra a versão oficial da história dominante.

A crise da autocracia burguesa levou ao ascenso do amplo movimento da classe trabalhadora e da reorganização da esquerda brasileira a partir das greves metalúrgicas no ABC Paulista e a formação do Movimento Negro Unificado (MNU), a primeira organização do campo democrático e popular, que tem Clóvis Moura como uma de suas principais referências teóricas e sua obra, e a partir dos anos 1980, “intensificou sua produção teórica em torno da temática raça e classe”⁹, como em *Os Quilombos e a Rebelião Negra* retomando o argumento do autor sobre Moura antecipar as problemáticas do primado da agência. Sobre *Brasil: Raízes do Protesto Negro*, Farias centra a análise não só na relação entre raça e classe colocada pelo intelectual de Amarante, mas na sua crítica ao movimento de negritude e sua vertente brasileira, o TEN e a crítica ao lusotropicalismo de Gilberto Freyre e Marcelo

⁸ MOURA, Clóvis. *A Sociologia Posta em Questão*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978. p. 09. *apud* FARIAS, 2024. p. 149.

⁹ FARIAS, 2024. p. 179 e 180.

Caetano utilizando a concepção leniniana de imperialismo¹⁰, inclusive aproximando Moura com a práxis de Amílcar Cabral e acrescento que a influência do marxista russo também está presente na leitura do intelectual piauiense sobre o período ser considerado uma época revolucionária e o negro ser um dos sujeitos do processo.¹¹

O ensaio crítico evidencia a maturação teórica de Clóvis Moura nesse contexto a partir das publicações de *História do Negro Brasileiro* e *Sociologia do Negro Brasileiro* e consolidada na década de 1990 com *Dialética Radical do Brasil Negro*. No primeiro livro, o sociólogo marxista cunha o conceito de *quilombagem* como a luta dos escravizados em suas diversas formas ao longo do modo de produção escravista que foi fundamental para o seu desgaste e o papel do negro como o principal povoador do Brasil. A segunda obra, lançado no centenário da Abolição, é a busca de uma análise sociológica da participação da população negra na formação social brasileira com linguagem acessível com diversos temas como grupos diferenciados e grupos específicos, o quilombo dos Palmares, a crítica ao pensamento social conservador e o seu racismo inerente, a história da formação da classe trabalhadora estar com a história do trabalhador escravizado e suas lutas e o início da periodização da escravidão sob a perspectiva da quilombagem. *Dialética Radical do Brasil Negro* aprofunda a periodização da escravidão como um modo de produção entre escravismo pleno e escravismo tardio, nessa segunda fase que é uma crise estrutural deste modo de produção, Moura elenca os elementos determinantes na transição para o capitalismo dependente e Farias elenca os outros capítulos sobre a concepção do racismo e suas mutações desde a escravidão em Portugal até o capitalismo dependente brasileiro, a dinâmica cultural negra através da linguagem e o dinamismo dos movimentos negros em São Paulo.

Por fim, Farias comenta sobre a busca de Moura pelo sujeito da revolução social brasileira a partir de suas críticas aos estereótipos sobre o negro na historiografia conservadora em *As Injustiças de Clio: O Negro na Historiografia Brasileira* e retoma o tema das lutas dos explorados no campo com *Sociologia Política da Guerra Política de Canudos: Da Destruição de Belo Monte ao Aparecimento do MST*, no qual o marxista de Amarante articula as dimensões das questões agrária e racial, e a partir disso traça uma linhagem entre a experiência de organização popular no sertão baiano com o importante movimento pela terra surgido em 1984. Moura faz uma importante crítica às concepções que qualificam movimentos populares similares ao de Canudos como messiânicos e pré-políticos, a exemplo de Maria Isaura Pereira de Queiroz e Eric Hobsbawm, ancorando-se em *As Guerras*

¹⁰ LENIN, Vladimir Ilich. *Imperialismo: Estágio Superior do Capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2021.

¹¹ LENIN, V. I. *A Falência da II Internacional*. São Paulo: Kairós Livraria e Editora, 1979.

Camponesas na Alemanha de Friedrich Engels.

Poderia ter tido um tratamento mais detido sobre a controvérsia em torno do modo de produção escravista colonial, da estratégia de imobilismo social e os seus mecanismos de peneiramento. No entanto, o ensaio de Márcio Farias é uma necessária publicação para afirmar Clóvis Moura como um fundamental interprete do Brasil e qualificar os debates sobre a relação entre raça e classe na formação social brasileira, a fundamental importância do setor negro das massas proletárias brasileira como sujeito revolucionário e a necessidade da luta antirracista de caráter anticapitalista enquanto política geral destas organizações. Outras problemáticas sobre o pensamento social do marxista de Amarante a partir de futuras contribuições e a sua crescente referência nas organizações negras atuais podem gerar elementos de debate para uma próxima edição ampliada.